

Loreley Garcia  
Silvana de Souza Nascimento

# *Primas*

Retratos da prostituição feminina na Paraíba



# **PRIMAS**

Retratos da prostituição  
feminina na Paraíba



## **UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

<b>Reitora</b>	MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
<b>Vice-Reitor</b>	EDUARDO RAMALHO RABENHORST
<b>Diretora do CCHLA</b>	MÔNICA FREITAS
<b>Vice-Diretor do CCHLA</b>	RODRIGO FREIRE DE CARVALHO E SILVA



## **EDITORA DA UFPB**

<b>Diretora</b>	IZABEL FRANÇA DE LIMA
<b>Supervisão de Editoração</b>	ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR
<b>Supervisão de Produção</b>	JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

## **CONSELHO EDITORIAL**

Bartolomeu Leite da Silva (Filosofia)
Carla Lynn Reichmann (Línguas Estrangeiras Modernas)
Carla Mary da Silva Oliveira (História)
Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (Língua Portuguesa e Linguística)
Hermano de França Rodrigues (Literaturas de Língua Portuguesa)
Karina Chianca Venâncio (Línguas Estrangeiras Modernas)
Lúcia Fátima Fernandes Nobre (Línguas Estrangeiras Modernas)
Luziana Ramalho Ribeiro (Serviço Social)
Marcela Zamboni Lucena (Ciências Sociais)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Sociais)
Teresa Cristina Furtado Matos (Ciências Sociais)
Willy Paredes Soares (Letras Clássicas)

Loreley Garcia  
Silvana de Souza Nascimento

**PRIMAS**

Retratos da prostituição  
feminina na Paraíba

Editora da UFPB  
João Pessoa  
2016

Direitos autorais 2016 – Editora da UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

**Projeto Gráfico** EDITORA DA UFPB  
**Editoração Eletrônica** ALICE BRITO  
**Arte de Capa e Ilustrações** ALBERTO PESSOA

**Catálogo na fonte:**

**Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

---

G216p Garcia, Loreley.  
Primas: retratos da prostituição feminina na Paraíba / Loreley Garcia, Silvana de Souza Nascimento. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.  
Recurso digital (3MB)  
Formato: ePDF  
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader  
ISBN 978-85-237-1171-9 (recurso eletrônico)  
1. Prostituição - Paraíba. 2. Prostituição feminina. 3. Narrativas - experiências. 4. Trajetória. I. Nascimento, Silvana de Souza.

CDU: 392.65(813.3)

---

**EDITORA DA UFPB** Cidade Universitária, Campus I - s/n  
João Pessoa - PB  
CEP 58.051-970  
<http://www.editora.ufpb.br>  
E-mail: [editora@ufpb.edu.br](mailto:editora@ufpb.edu.br)  
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

À Dercy e Santa, e todas as outras Primas.

# Agradecimentos

- Ao CNPq
- Secretaria Municipal de Saúde de Mamanguape, CREAS de Mamanguape, CAPS de Mamanguape.
- Aos pesquisadores que entrevistaram as moças nas três áreas da pesquisa: Edilon Mendes Nunes, Lorena Monteiro, Lívia Araújo, Jan Linhart, Amanda Virginia Albuquerque.
- À ONG Renasce Companheira
- Ao Procurador Federal do Trabalho, Dr. Eduardo Varandas.

O álbum “Primas” foi pensado como uma forma de dar um retorno da pesquisa “Nas Armadilhas do Desejo”, realizada entre 2011 e 2012, para as mulheres entrevistadas em áreas rurais e indígenas na Paraíba (no Litoral Norte e Brejo Paraibano). Elas são mulheres jovens e adultas, de até 40 anos, de diferentes origens, regiões e classes sociais, que se iniciaram na prostituição ainda na adolescência.

Primas e raparigas que trabalham e moram na pista, nos bares, nos rios, nos quartos, nos motéis, no mato, no asfalto. A pesquisa teve a participação de alunos(as) e professores(as), pesquisadores(as) de várias áreas das ciências humanas da Universidade Federal da Paraíba, e teve como objetivo mostrar a prostituição como um projeto de mobilidade que se faz e se desfaz, permeado por práticas arriscadas, de manutenção do vivido e de sonho, de dinheiro e de dúvida, de violência e de afetos.

No álbum, as cenas são perpassadas por textos, ora etnográficos ora sociológicos.

Um dos objetivos foi evitar os estereótipos. As personagens não são mulheres sensuais nem vítimas o tempo todo. Pelo contrário. São mulheres que se apropriam de

determinados elementos quando lhes convêm. Se há, sim, reprodução da dominação masculina e múltiplas formas de violência, há também experimentações de vida e de possibilidades de aquisição de autonomia individual e resistência às moralidades vigentes.

Tentamos destacar um olhar intimista no modo de descrever e de analisar as formas de prostituição observadas, e seus contextos de violência, imbricados em relações familiares, de afeto com maridos e namorados, de tensão e submissão aos cafetões e cafetinas, etc.

A dinâmica observada não coincide com uma realidade urbano-industrial e revela que as redes de parentesco e as formas de organização da família atuam como um gatilho para a entrada na prostituição.

Ainda que não seja uma relação de causa e efeito, grande parte das mulheres entrevistadas relatou ter sofrido abusos sexuais na infância por parte de seus pais, padrastos e tios.

E a entrada na prostituição coincide com relações sexistas sedimentadas no seio familiar e com ciclos de violência em suas trajetórias de vida, sem contar a falta de oportunidades resultantes de uma divisão sexual do trabalho bastante demarcada, da baixa remuneração e pouca escolaridade.

## **PESQUISA DE CAMPO**

A pesquisa aconteceu em três áreas na Paraíba: o município de Mamanguape, localizado no Litoral Norte do estado, região de antiga produção canavieira; a região da Baía da Traição, também no Litoral Norte, que inclui uma vasta área indígena potiguara além de uma pequena cidade turística; e três cidades na região do Brejo – Guarabira, Mari e Sapé – região rural de produção de abacaxi.

Nos trabalhos de campo, experimentamos diferentes formas de abordagem, modos de observação participante e técnicas de entrevistas.

Em Mamanguape, observamos diferentes lugares de prostituição feminina: em bares, que também oferecem quartos para seus clientes; em motéis e hotéis distribuídos ao longo da rodovia BR 101; em residências particulares de mulheres que se prostituem; em postos de gasolina desativados, onde se realizam programas dentro de automóveis e caminhões; em terrenos baldios e casas abandonadas (que são ocupadas por mulheres como lugar de moradia e trabalho na prostituição).

Nesta localidade, foram identificados nove bares, em bairros que margeiam a BR 101, que ficam próximos às usinas e recebem seus trabalhadores.

A principal estratégia de pesquisa foi realizar observações e conversas informais. Também foram realizadas entrevistas gravadas.

O movimento da clientela depende dos períodos da moenda nas usinas de cana de açúcar (Mamanguape); dos períodos de colheita do camarão, do defeso da lagosta (início de dezembro ao início de junho) e da andada do caranguejo (Baía da Traição).

Nos tempos de maior movimento, sazonalmente demarcados, os bares enchem-se de clientes e mulheres, que circulam pelas regiões.

Existe um grande circuito de prostituição que percorre Mamanguape – Baía da Traição – Santa Rita – Sapé – Guarabira – Mari – João Pessoa – Cabedelo, movimentos entre interior, litoral e capital a partir de maior ou menor procura por parte dos clientes (trabalhadores rurais e caminhoneiros).

Na Baía da Traição, apesar da proximidade geográfica em relação à Mamanguape, cerca de 30 quilômetros, o cenário

apresenta-se diverso, pois se insere dentro de uma terra indígena potiguara onde a presença de bares é controlada por lideranças locais, inclusive a venda de bebidas alcoólicas.

Dentro da Terra Indígena (TI), identificamos três bares onde são oferecidos, de forma intermitente, serviços de prostituição de maneira discreta.

À exceção de um dos bares, quando há demanda de clientes, as proprietárias telefonam para as moças, sendo que estas não permanecem de forma contínua nos bares e preferem circular, facilitando sua invisibilidade, liberdade e proteção.

Fora da TI, na zona urbana da Baía da Traição, foi identificado um bar (Sinimbu), onde circulam frequentemente mulheres que se prostituem e o estabelecimento oferece quartos para serviços sexuais.

Na Baía da Traição, na intimidade dos quartos, 25 mulheres foram entrevistadas de forma mais livre e puderam contar fragmentos de suas trajetórias de vida.

Em um espaço de tempo limitado, entramos em contato com o universo de uma sedução abjeta, onde “as paredes têm ouvidos” e elas podem controlar os clientes, seus corpos e sua carteira. E a entrevista, ocupando o lugar do programa, e portanto, paga, permitia que as mulheres ganhassem certa importância e pudessem ser ouvidas.

As mulheres que oferecem serviços de prostituição dentro da TI encontram-se mais dispersas e, de certo modo, invisíveis, pois não podem permanecer frequentemente em bares ou outros espaços, como ocorre em Mamanguape.

Muitas delas negociam os programas por telefone e combinam os locais com seus clientes: beiras de rio, em caminhos embrenhados, hotéis, pousadas e quartos em bares na zona urbana da Baía da Traição etc.

Na região do brejo paraibano, nos municípios de Guarabira, Sapé e Mari, observamos temores e desconfianças

por parte das interlocutoras, pois o Ministério Público do Trabalho, em 2010, havia realizado uma ação civil pública e condenado coletivamente diversas pessoas por exploração sexual de adolescentes na região.

Assim, vários locais de prostituição foram desativados. Mas, pela própria mobilidade constitutiva deste campo, foi presenciada a abertura de outros espaços e uma continuidade destas práticas.

Foram identificados por volta de seis bares onde são oferecidos serviços de prostituição, sendo que algumas mulheres também fazem destes espaços suas moradias e trabalham muitas horas por semana, dependendo da movimentação da clientela e da administração do estabelecimento.

Devido à tensão criada pela ação civil e outros controles políticos e sociais, foram poucas as entrevistas realizadas dentro dos bares. A principal técnica adotada, além da observação participante, foi o pagamento de programas e a realização de entrevistas entre quatro paredes, realizada nos quartos por pesquisadores homens.

A dinâmica do trabalho de campo nesses lugares era permanecer nos bares, pedir alguma bebida, oferecer também bebida para as mulheres, sentar-se à mesa, explicar a pesquisa e a realização de entrevistas. É importante ressaltar que a entrada é permitida apenas aos homens, sozinhos ou em grupos, que se divertem com álcool, apresentações de *strips* e *pole dance*, música, dança a dois e sexo com jovens mulheres.

Nestes lugares, elas permanecem ao longo de uma ou duas semanas permanentemente, folgam um dia da semana, trabalham nos bares realizando os mais variados serviços (limpeza, garçonete, cozinha etc.), oferecem serviços sexuais apenas dentro dos quartos do estabelecimento (com pagamento adiantado) e fazem apresentações eróticas.

Por parte das pesquisadoras, como mulheres, a opção foi realizar visitas antes da abertura dos bares, até às 14 ou 15 horas, e nos dias em que estes se encontravam fechados.

Para obter a permissão dos (as) proprietários (as), bastante apreensivos e, ao mesmo tempo, desinteressados com nossa presença, sempre oferecíamos preservativos, garantíamos que as identidades dos bares e suas protagonistas fossem mantidas em sigilo e tentávamos mostrar que nossa investigação tinha intuito acadêmico.

Nas conversas informais, elas puderam compartilhar com as pesquisadoras trajetórias de vida em comum, como a maternidade, narrar experiências de violência, e aspectos positivos dos trabalhos que envolvem sexo como sedução, desejo, dança, divertimento e álcool. Podemos imaginar alguma cena nostálgica e erotizada de um filme “B” dos anos 1980.

## **ENTRADA NA PROSTITUIÇÃO**

Uma parte das mulheres entrevistadas remete ao início da prostituição à adolescência e descreve, quase que de maneira natural, um momento inevitável no qual começaram a receber presentes, por vezes forçadamente; e a maneira que incorporaram essa atividade, passando de presentes a dinheiro.

Outras começaram a fazer programa mais adiante, quase acidentalmente, por motivo de separação ou morte do marido que lhes assegurava o sustento.

A maioria delas vai e vem da prostituição dependendo de seu estado civil; quando casam, saem da profissão, quando se separam, retomam a atividade.

*É. Eu saía assim, sabe? (...) por coisa (...) assim, com os homens (...) que eu(...) me dava dinheiro...sabe? Pra eu comprar minhas coisas pra mim, comprava roupa, comprava minhas coisas, perfume... E assim eu ia levando, né, a vida, né (...) “Olha, Arribaçã, eu vou dar um negócio a tu, um presente, um perfume, uma roupa, não sei o que...”, aí eu digo “Quero”, aí eles trazia e me dava (...) **Arribaçã***

*Lembro direito como foi não, mas ele começou a passar a mão nas minhas pernas e eu dizendo que não quero não e ele: você vai querer agora. E eu dizendo que não queria e ele insistindo, dizendo que eu ia querer. Passei mais de três dias sem poder me sentar, mais de três dias sem poder nem me sentar. Ia urinar chegado doía (...) Na época era dois cruzeiros, era na época do cruzeiro. **Sete cores***

*Foi quando eu me separei, esse é meu terceiro marido, foi quando eu me separei a segunda vez (...) Comecei com uns 27 anos por aí, assim com uns 27 anos. ((E você não faz mais?)) Não, porque me casei. **Maracanã***

*Mataram meu marido e eu fiquei com muita conta pra pagar! Ele que me bancava, né? (...) Eu morava com ele direitinho. Mataram ele aí tinha muita conta. Não podia mais morar na casa, aluguel caro e ele que pagava tudo. **Venvem***

Certas vezes, lamentam o fato de não continuarem a atividade da prostituição quando estão casadas.

Outras vezes continuam a fazer programa, mas escondidas de seus maridos, embora nem sempre escondam e usufruam da vida dupla de esposa e prostituta.

*Então eu me sentia bem porque eu viajava pra onde queria, conhecia lugares que eu ia a encontro deles, mesmo, quando vinha, eu vinha com roupa pra minhas filhas, vinha com sapato, eu vinha com real mesmo, eu vinha com dólar, aí já teve vez de eu tá aperrriada, assim, de eu chegar a dizer isso, ele mesmo já chegou pra mim pra dizer assim “Parece que às vezes tu sente saudade da vida que tu levava...”, eu disse “Não é saudade que a pessoa sente, é porque a vida que as vezes tu tá me dando, tem ocasião que eu preferia tá só!”.*

#### **Pé encarnado**

*Ele dizia “Ah, eu tô trabalhando pra dar de comer a tu e você só come porque eu dou de comer...”, né? Sei lá, eu dizia “Tá certo, rapaz”, aí eu, “COMO É?” Ele não sabe que eu(...) atrás, né, aí eu saía com outro homem, é. ((Quando você tava com ele aí você fazia programa também?)) FAZIA, FAZIA (...) Ele em casa e que me chamava de todo negócio, eu digo “Tá certo.”, eu saía e chegava em casa com dinheiro e fazia uma feirinha, né? Pra ele mermo comer.*

#### **Arribaça**

Juriti, filha de Pé encarnado, negociou sua virgindade quando tinha 14 anos e a partir daí começou a fazer programa por curiosidade e vontade:

*Porque assim, quando eu saía (...) sempre saía com ele, mas era só aquelas coisas, então, quando eu era moça ainda, ele não me paga-*

*va, tá entendendo? Porque era só aquela coisa de beijinho, sarro, pronto, aí quando ele pediu pra tirar minha virgindade, aí eu disse “Só vou se for por tanto”, aí ele disse “Tu faz?”, eu disse “Não, mas se é pra ser, então (...) eu não gosto de você, não sinto nada por você, então só vou se for pago”, ele “Tá certo”, aí pagou, aí pronto (...) Eu pedi sessenta reais a ele, por que eu era, assim, uma pessoa que sempre gostei de namorar, de sair, sempre fui saída mesmo, sempre gostei desses negócio de ir pra boate, de conhecer, sempre tive curiosidade de conhecer gringo, essas coisas, assim, aí eu sempre me envolvi com essas coisas. **Juriti***

Enquanto algumas apontam a falta de estudo, emprego e oportunidade, aliados à necessidade de sustento de si e de seus filhos, como determinantes para a prostituição, outras mulheres chegaram à prostituição depois de passarem por outros tipos de trabalhos, principalmente como trabalhadoras domésticas.

*E assim foi minha vida, sem estudar não tem emprego tá entendendo e mesmo que estude aqui também não tem emprego. Uma mulher sozinha pra comprar suas roupas e comprar suas coisinhas tem que fazer isso mesmo. **Galega***

*(...) Em uma casa de família. ((Porque você deixou?)) Porque o povo lá era muito problemático e só viviam brigando e a mulher tava começando a ter ciúmes de mim com o marido dela porque ele vivia me olhando na cozinha (...) Pelos meus conhecimentos mesmo porque*

*pelo menos eu tô ganhando alguma coisa, se é de ficar falada vou ficar falada, mas pelo menos eu tô ganhando alguma coisa. E pra pessoa ficar falada, não você vai dar a troco de banana, levar o nome de rapariga, fuleira. Não, comecei a profissionalizar o sexo como diz o ditado né, como as pessoas falam. Porque se alguém fala de mim eu só tenho uma coisa a falar, pelo menos eu não estou dando de graça, tô ganhando alguma coisa. **Jaçana***

*Aí depois a minha irmã por parte de pai morava em Cabedelo e já trabalhava num bar que era bar e sorveteria e era onde era todo o movimento dos homens de navio, todos os navios que encostavam no porto iam pra lá, aí ela foi me buscar na casa dos meus pais pra vim trabalhar com ela e daí eu fiquei trabalhando e conheci (...) fui conhecendo as pessoas e comecei a me envolver com as pessoas e comecei a me envolver e sair (...) que eu tinha filho, tinha que pagar uma casinha que eu tinha, era de taipa mas tinha que pagar luz, tinha que pagar água (...) **(Pé encarnado)***

## Cenas de Bar 1 – Áreas Indígenas

*Afinal, quem não vai querer transar com uma índia?*

TAMATIA, BAÍA DA TRAIÇÃO

### BAR SINIMBU

Esse bar é uma casa coberta com teto de palha na beira do Rio Sinimbu e pertence a uma travesti que traz moças de outras cidades para trabalhar e morar no bar.

No salão do bar, encontramos a “governanta”, um rapaz gay que organiza a casa, e Jaçana acompanhada por dois homens que conversavam com ela e alisavam suas pernas.

Na entrevista, ela afirmou que não permite que fiquem alisando suas pernas nem as “partes” no salão, apenas no quarto porque sabe que ali vão pagar: “Sem pagar, nada!”.



Na entrevista, ela afirmou que não permite que fiquem alisando suas pernas nem as “partes” no salão,

Jaçana estava bebendo, mas sempre saía para fazer uma ligação, comprar mais bebida e passar uma loção para dourar os pelos e se expor ao sol na beira do rio.

O Sinimbu não fecha, mesmo havendo um período sazonal para a prática da prostituição que acompanha as atividades da pesca, corte de cana e caça da lagosta. Aqui, as moças trabalham o ano todo.

## **BAR DAS PRIMAS**

O Bar das Primas fica em uma aldeia, dentro da área indígena, mas foi fechado devido a um suposto “desvio” de conduta das primas, segundo narrativas dos moradores.

Elas tiveram que sair de lá porque a dona do bar não queria homens no local, mas elas costumavam levá-los para o rio e isso ficou muito evidente quando a quantidade de homens que passou a frequentar o local se intensificou.

Daí, as primas foram expulsas e se mudaram para a cidade da Baía da Traição.

Hoje, o bar funciona numa casinha próxima à beira do rio. As primas alegam que o bar é familiar e que lá não se faz programas.

Certa vez, um pesquisador separou-se do grupo e foi sozinho ao Bar das Primas. Lá, elas negaram que faziam programa, mas a prima Caboré mostrou-se interessada nele e se insinuou. Disse que podia levá-lo para banhar-se no rio mas, quando ele perguntou sobre o pagamento, ela confirmou que “não era assim” e que não fazia isso.

Neste bar, as crianças sempre ficavam em volta escutando a conversa. Em um momento, a filha dela chegou e disse para nosso colega: “gostou da minha mãe, né? ‘fafado!’”.

## **Cenas de Bar 2 – Beira da Estrada**

### **BAR ARROCHO**

O bar Arrocho, no início das pesquisas, era composto por um cômodo, com duas a três mesas e cadeiras de plástico e um balcão de madeira, no qual eram servidas bebidas para os clientes e as moças também faziam suas refeições.

Por trás do bar, havia dois quartos, onde as moças se revezavam para fazer os programas e dormir. Chegava-se a receber oito a dez moças, que repartiam duas camas de casal, com apenas um lençol para cada quarto.

Nos primeiros meses de campo, conhecemos Bentevi e Xorró, com pouco mais de vinte anos, uma vinda de Pernambuco, outra de Cabedelo, que mantinham uma relação homoafetiva.

Bentevi se prostituiu desde os doze anos. No tempo em que passou no Arrocho, entrava constantemente em conflito com as suas colegas, ameaçando-as, sempre andava com uma faca na cintura.

A um certo tempo, sua namorada Xorró passou a se relacionar com o cafetão e, talvez por ciúmes, ela terminou por denunciá-lo por tráfico de drogas.

Esta denúncia terminou por fechar o bar durante vários meses e ela teve que fugir, sem deixar rastros.

Algumas mulheres dizem que ela morreu. Mas são apenas conjecturas. Bentevi também já foi presa por tentativa de assassinato.

No ano passado, Xorró ficou grávida e, ao dar a luz, doou a criança. Passou a usar *crack* com mais frequência, mesmo durante a gestação, e começou a brigar também com suas colegas.

Hoje também foi expulsa do bar pelo cafetão, por causar muitas brigas com as mulheres. Quando iniciamos a pesquisa, ela tinha 25 anos.

Saiu de casa aos 14 anos, pois era violentada pelo padrasto.

Ao contrário de Xorró, Aracuã conseguiu “sair das drogas”, casando-se com um trabalhador da usina e convertendo-se para uma igreja evangélica.

No momento, não está mais fazendo programas e ocupa-se com serviços de cabelereira e manicure na cidade, além de revender cosméticos e outros produtos femininos.

Apesar de não trabalhar na prostituição, observa-se que Aracuã mantém relações de amizade com as mulheres dos bares, assim como seu marido, mostrando que fazem parte do mesmo pedaço, mesmo que ela diga que não quer mais esta vida e que procura evitar passar próximo a esses bares.

Entre as pessoas que se prostituem no Arrocho encontra-se uma travesti, filha do dono do estabelecimento, algumas pessoas a chamam pelo nome masculino e outras pelo feminino.

Beija Flor, com 19 anos, encontra-se em período de transformação do corpo, já com seios em desenvolvimento e usa vestimentas femininas.

Assim como a história de vida de outras jovens que conversamos, ela também sofreu violência na infância e era agredida pela mãe, que hoje se encontra presa em João Pessoa.

Ela possui um forte vínculo com seu pai, cafetão do Arrocho, e prefere ser chamada pelo nome masculino por causa dele, ainda que se identifique como travesti.

Aos 16 anos, ela passou ao usar *crack* e hoje fuma a substância diariamente.

## BAR DO CARUÊ

O Bar do Caruê se localiza numa rua que margeia a BR, logo na entrada da cidade de Mamanguape. É uma casa de dois andares, sendo o andar térreo a residência do seu proprietário, que mora com sua esposa e duas filhas adolescentes.

No andar de cima, encontra-se o bar com cadeiras de metal, *jukebox* e um balcão onde são servidas bebidas e petiscos. Logo ao lado do bar, há pequenos quartos, que também são propriedade de Caruê, onde moram mulheres que se prostituem, sendo que algumas também trabalham em outros estabelecimentos.

O aluguel do quarto é cobrado semanalmente, entre R\$ 30 e R\$ 40,00. A entrada do bar fica na lateral da casa, onde residem os donos. Há uma escada que liga a porta da casa ao bar, mas os acessos são independentes.

Este lugar abre com frequência à noite, e durante a tarde as moças costumam ficar na porta, sentadas na calçada, conversando com os vizinhos, vendo os passantes etc.

À noite, as portas se abrem e a “função” começa.

A relação do proprietário com as mulheres que trabalham no bar é quase ‘paternal’, pois, quando elas não conseguem programas e estão com pouco dinheiro, ele oferece alimentação, quarto para dormir e até mesmo sua esposa cuida de seus filhos quando elas precisam realizar programas.

Assim, os filhos de algumas mulheres circulam dentro do bar, brincam nas imediações, são cuidados pelas colegas e vizinhas de forma livre.

## BAR DA DONA CHOCA

O bar de Dona Choca localiza-se num bairro de ocupação recente, próximo a uma usina, também margeando a estrada, numa estreita rua de terra. Ele funciona por trás de sua casa que, durante a semana, também tem um emprego na cidade de Mamanguape.

Duas jovens moças moram e trabalham com ela e, pelo que pudemos observar, só podem sair e circular com sua autorização. Elas vieram de outros estados, e estão praticamente “sob tutela” da dona do bar.

Nos finais de semana, e durante os dias de pagamento da usina, que são feitos quinzenalmente, o bar também recebe outras moças, que vão para trabalhar apenas no final de semana e realizarem programas. Mensalmente, são organizadas serestas. Ao lado do galpão, há dois quartos, que recebem as moças que trabalham e, certas vezes, também clientes.

Cada quarto abriga no mínimo duas moças e em período de maior movimento chega ao número de 4, que passam a dividir a mesma cama de casal.

Para que elas saiam do bar para a realização de programas, o cliente precisa pagar “a saída” para a proprietária, além do programa em si. O sistema parece funcionar da seguinte forma: o cliente vai ao bar, bebe com as moças, escolhe a que mais lhe chamou a atenção e a chama para sair, pagando com antecipação para a cafetina.

Este bar é um grande galpão, coberto com telha de amianto, com muitas mesas organizadas uma ao lado da outra,

tem um pequeno ambiente, semelhante a um palco, onde se apresentam cantores de seresta quinzenalmente.

Há um quintal extenso onde o público circula em noites de mais movimento, como nos que ocorrem as serestas.

Nos de menor movimento, o quintal é usado como estacionamento para os clientes. Alguns frequentadores, e também mulheres que se prostituem, utilizam moto taxi.

Por sua localização, este bar não é muito visível para quem está de passagem pela cidade, e não aparenta ser um lugar para chamar a atenção de clientes em busca de favores sexuais.

Contudo, pelo grande movimento, é conhecido entre o circuito de lazer dos trabalhadores das usinas e da vizinhança.

## BAR DA SERICÓIA

Na mesma rua do Bar da Dona Choca encontra-se o Bar da Sericóia, cuja proprietária é uma mulher negra, por volta dos quarenta anos, ex-prostituta.

Na verdade, o bar é a varanda de sua própria casa, onde mora com suas duas filhas, e dois netos.

Nos contou que tem o bar para seu próprio sustento, apesar de também receber “ajuda” de um “velho” de 81 anos, seu namorado, e que é difícil “ter que aturar bêbado”.

Depois de idas e vindas de trabalhos de campo, mesmo que elas tenham negado à primeira vista que realizavam programas, aos poucos foram contando, de forma indireta, que trabalhavam na prostituição, além de ajudarem sua mãe com o bar.

O bar possui duas mesas, poucas cadeiras e uma mesa de bilhar, onde as moças sobem para fazer danças sensuais, em tom jocoso, com o som alto.

Assim como em outros bares de Mamanguape, os filhos das mulheres brincam e circulam pelos bares, considerados como uma extensão de suas casas.

As três moças que moram neste bar, concorrente do outro na mesma rua, costumam provocar dona Choca, colocar o som alto, dançar e chamar os clientes dela e assim há um clima tenso entre os dois bares.

Em uma rua paralela, nos indicaram mais dois outros bares nos quais havia práticas de prostituição, que nos foi veemente negadas pelas proprietárias.

Entretanto, ainda que não sejam abertamente lugares onde se realizam programas, fazem parte do circuito de bares das mulheres que se prostituem, que os frequentam sejam acompanhadas de clientes de forma esporádica, seja como garçonetes e ajudantes das proprietárias, seja como ponto de encontro entre amigas e conhecidas nos dias de folga.

### **Cenas de Bar 3: Sexo Privê**

Alguns locais de prostituição na região do Brejo parecem ser um pouco mais profissionalizados, ou seja, com maior infraestrutura de atendimento, seguranças privados, pequenos palcos para apresentações de *strip tease* e *pole dance*.

Em dois estabelecimentos, é proibida a entrada de mulheres de fora. Só podem entrar homens, sozinhos ou em grupos, que se divertem com álcool, apresentações de *strips* e *pole dance*, música, dança a dois e sexo com jovens mulheres.

Nestes lugares, elas permanecem ao longo de uma ou duas semanas permanentemente, folgam um dia da semana, trabalham nos bares realizando serviços variados (limpeza, garçoneiro, cozinha etc.), oferecem serviços sexuais apenas

dentro dos quartos do estabelecimento (com pagamento adiantado) e fazem apresentações eróticas.



## BAR DO JAPIM

O Bar do Japim está localizado numa avenida principal da periferia de Guarabira que conecta a cidade com a BR 230 e próximo à rodovia que liga a cidade de Araçagi, de frente a um motel.

O bar é bastante espaçoso e popular, suas paredes são coloridas, possui duas mesas de concreto e outras de plástico.

Enquanto está aberto, o som do bar fica ligado num volume ensurdecedor. O movimento no bar começa à noite e vai até a madrugada, porém é muito irregular. Há dias de muito movimento e dias de total abandono.

As pessoas que o frequentam são de diversas faixas etárias. Entre os frequentadores, encontramos mães com crianças muito pequenas, adolescentes, jovens, adultos e pessoas de meia idade.

O ambiente é bem casual, tanto clientes quanto a família do dono do bar e as garçonetes usam roupas do “dia a dia”, como shorts e saias curtas, bermudas, camisetas e camisas, chinelo ou até descalços.

Algumas garçonetes utilizam bastante maquiagem, mas nem todas. Geralmente, consome-se bastante álcool e tabaco, e não observamos o uso de drogas ilícitas no interior do bar.

Os clientes, sentados com as mulheres, em grupos nas mesas ou sozinhos no balcão, são servidos por moças, dois homossexuais e uma travesti, jovens entre aproximadamente 18 e 28 anos de idade.

A maioria dos(as) “garçons” e “garçonetes” também prestam serviços sexuais, que podem ocorrer principalmente em motéis, quando terminam o serviço do bar.

De acordo com essas informações, o bar serve como um mero ponto de encontro atraindo os clientes com a presença

dos meninos e moças e a oportunidade de contratar seus serviços.

“Garçons” e “garçonetes” frequentemente sentam nas mesas com os clientes, bebendo cerveja e outras bebidas alcoólicas, às vezes sentam-se no colo dos clientes, beijando-os e tocando os genitais do freguês.

A forma de aproximação entre cliente e prestador de serviço sexual é relativamente discreta e geralmente a iniciativa parte do cliente que chama a/o “garçon/ete” à sua mesa ou passa a mão nas pernas delas quando passam perto da mesa deles.

As moças dançam de forma expressivamente sensual no salão do bar ou, quando já tem estabelecido um primeiro contato, na frente dos clientes, que muitas vezes aproveitam a oportunidade para tocar nos seios das “bailarinas”.

A interação entre moças e clientes é pouco pessoal, as moças muitas vezes mostram, visivelmente, nojo e desprezo pelos clientes.

Um leve sorriso durante uma conversa com os clientes logo some quando elas podem se sentar de costas para eles, e dão espaço para uma expressão facial de aborrecimento e desinteresse.

Mesmo ao estimularem os clientes ao tocarem com uma das mãos seu pênis, ou quando dançam rebolando na frente deles, ou logo depois de um longo beijo intenso, as moças não mostram nenhum sinal de emoção positiva e continuam com rostos fechados e olhares vazios.

Os homens, por sua vez, se aproximam das moças convidando-as pra sentar e beber e , sem muitos rituais, pegam nos peitos, nas bundas e nas pernas delas.

É interessante que são os homens, e não as moças, que procuram o contato e que elas, às vezes, recusam os homens

sem que isso resulte em insultos nem violência por parte dos homens dispensados.

Certa vez, um rapaz no balcão do bar ficava de olho nas bundas das moças, jogando olhares de cumplicidade para a gente. Uma moça vestia calça jeans muito justa, blusa preta e sutiã com bustiê também pretos, mas estava com os pés sujos e ficou todo tempo descalça.

Como ela dançava, indo até o chão, inclusive, botando a bunda pra cima, a calça descia e ela ficava puxando, subindo o tempo todo. Servia as mesas, eram seis mesas.

Pintadinho também estava no bar, numa mesa com dois homens. Mas ele também servia as mesas e dançava, assim como a moça que se chamava Ipecuá.

Ela dançou com dois homens, ficava na mesa com este homem e com outros dois.

Depois de um tempo, ela foi à mesa e Pintadinho foi por trás da moça, botou a mão dentro da calça da moça e puxou a calcinha dela, que gritou.

Todos na mesa brincaram com a situação. Ipecuá levou na esportiva. Nesse momento, um dos homens estava com uma peça preta na mão – aparentemente uma calcinha.

Ele cheirou e botou no bolso da calça jeans.

No bar do Japim, a esposa e a nora do dono trabalham nos bastidores, na cozinha. Seu Choró e as moças trabalham no salão, mas sua mulher algumas vezes também fica nas mesas, dando atenção aos clientes conhecidos e amigos.

Duas crianças também andam pelo salão. O neto do dono do bar, de 1 ano e meio e uma menina de aproximadamente 6 ou 7 anos, que presenciavam várias cenas eróticas entre as mulheres e os clientes:

## BAR JOÃO-DE-BARRO

O bar e pousada João-de-Barro ocupa o segundo andar de um pequeno prédio no centro de Guarabira, situa-se ao lado da grande feira livre aos sábados que atrai comerciantes e clientes de toda região.

A pousada tem entre dez a quinze quartos e dois banheiros sociais.

Os quartos são equipados somente com cama, lâmpada e ventilador, encontram-se em condições precárias de higiene.

Embaixo da pousada, ao lado de uma barbearia, está o bar, um cubículo do tamanho de uma garagem pequena com mesas e cadeiras de plástico amarelo.

Bar e pousada estão abertos todos os dias, mas o maior movimento é nos sábados pela manhã, quando acontece a feira livre.

O bar é completamente aberto para a rua, exceto uma salinha minúscula com duas mesas ao fundo, atrai clientes de todas as idades, desde adolescentes até senhores com mais de oitenta anos.

Os clientes possuem estilos bastante diferenciados, compondo um ambiente bastante eclético.

Enquanto os senhores andam bem arrumados, com camisa e calça social bem passadas, encontramos feirantes em bermuda, trabalhadores rurais com botinas e “peixeira” no cinto, e jovens “barra pesada” com corrente de prata pesada, tatuagem e camisetas e boné, estilo *rap*.

A atmosfera, geralmente, é alegre e amigável. Entre os homens, estão várias mulheres entre 20 e 50 anos. conversando e bebendo com eles.

Elas também servem as mesas e ajudam no bar, mas, em primeiro lugar, esperam ser chamadas pelos clientes para subir para os quartos do andar de cima.

O vestuário das mulheres exhibe o corpo entre as saias, os vestidos e as blusas curtinhas e apertadas. Poucas usam sandálias com saltos, mas ninguém anda descalço. Muitas são exageradamente maquiadas.

Geralmente, o homem pede a uma mulher “desocupada” para se sentar à mesa e tomar uma cerveja ou um Martini, mas este ato já é, claramente, o pretexto para iniciar as negociações para contratar serviços sexuais.

A “etiqueta” do local faz com que o cliente converse pelo menos alguns minutos com a mulher, antes de levá-la para o quarto.

Tanto os donos do bar e da pousada quanto às mulheres afirmaram a inexistência de qualquer relação empregatícia entre as partes, cada uma oferece serviços diferentes de forma independente – o bar é o local de encontro, a pousada tem os quartos e as mulheres fornecem os serviços sexuais – sendo tudo pago separadamente pelos clientes para o dono do respectivo negócio (R\$ 30,00 pelos serviços sexuais, R\$ 10,00 pelo quarto da pousada, bebidas no bar).

As mulheres que trabalham no João-de-Barro vêm de diversas cidades da Paraíba (João Pessoa, Santa Rita, Itapororoca, Pedra de Fogo, Mari) e trabalham no local esporadicamente.

## **Entre Quatro Paredes:** *depoimento pessoal de um homem-pesquisador em campo*

Eu e um colega chamamos uma das moças para sentar e “tomar um copo” conosco. Ela aceitou e veio para nossa mesa.

Para quebrar o gelo, conversamos um pouco e perguntei de onde ela era, como se chamava, se tinha filhos e de que idade eram, etc. Indaguei se ela sempre trabalhava ali ela nos respondeu que sim, todos os dias. Perguntei se no bar somente se vendia cerveja e ela negou dizendo que havia “outras coisas” para comprar, ou seja, serviços sexuais.

Perguntei se ela tinha tempo para subir para os quartos. Ela confirmou.



Tomamos mais um copo e subimos para o quarto, onde ela pediu para esperar enquanto tomava um banho.

Quando voltou, já veio enrolada numa toalha de banho, e expliquei o verdadeiro propósito da minha visita. Ela disse que já estava desconfiada, pensando que eu poderia ser policial.

Ao explicar os detalhes da nossa pesquisa, ela aceitou conversar comigo e logo começou a falar de si muito abertamente e, ao falar sobre os filhos, começou a chorar silenciosamente.

Depois de nossa conversa, nos abraçamos e desejei a ela que tudo desse certo. Paguei os trinta reais e agradei sua colaboração para nossa pesquisa .

Os demais pesquisadores que ficaram no bar notaram que, entre todas as mulheres, uma chamava a atenção. Era Araçari com um vestido bem curto preto, sandália alta, um piercing na língua, lentes de contato azuis, usava brincos, pulseiras e 12 tatuagens: no tornozelo, nas costas, na cintura, na região pélvica, por trás da orelha, no antebraço com o nome das filhas gêmeas.

Um homem que estava do lado dela colocou a perna em cima de um dos bancos do bar. Ela tirou a perna dele e botou as pernas dela e disse que só quem podia aquilo eram as mulheres do bar.

Outra moça estava sentada na mesa com os homens. Ela levantou para servir outra mesa e o cara pegou no pênis e mandou-a pegar também.

Os outros homens sorriram. A moça disse que não pegaria. Ele então pegou na mão dela e tentou fazer com que ela pegasse. Ela não pegou e disse algo com ele que não conseguimos ouvir.

Paguei o quarto assim que subimos as escadas.

Seu Tucano, o dono do lugar, recebeu o dinheiro e entregou uma toalha e uma camisinha.

Fomos para o quarto 9, no fim do corredor. Não tinha nem ventilador, sujo com “bitucas de cigarro” e muitos fósforos queimados juntos em um canto do quarto. Uma cama de casal com lençol e dois colchões de solteiro encostados na parede.

As paredes são azuis escuros com creme (metades da parede). Alguns escritos (parecia de corretivo) nas paredes. Não dá para entender direito, mas era de alguém dizendo que passou por lá, que amava alguém, que estava com saudades, como num romance de Garcia Marques.

Passarinha dançava sensualmente para os homens, subiu para o quarto com um de nossa equipe.

Ela achou dez centavos em cima da cama e botou na janela porque disse que não era dela, então não ia ficar.

Descobrimos que algumas moças ficam lá em cima, pois não gostam de descer para o bar. Ficam nos quartos com as portas abertas ou descem, ficam nas escadas ou na entrada.

Quando voltamos das entrevistas percebemos a presença de um homem negro, com muitas tatuagens no corpo, com um crucifixo grande no pescoço, anéis nos dedos, sem camisa.

Ele cantava e dançava uma música de rap da máquina de músicas. Ele conversou com a gente e falou que tinha todo o tipo de droga e de moças que quiséssemos. Bastava ligar.

## BAR DAS TIRIBAS

O Bar das Tiribas localiza-se na entrada de Mari, onde também funciona um motel. O bar é uma área aberta, com cadeiras e mesas de plástico, localizado ao lado de uma pequena cozinha, onde as mulheres preparam suas refeições e oferecem bebidas e petiscos aos clientes.

Há cinco quartos, bem simples, cada um com uma cama de casal de alvenaria, um banheiro e uma televisão.

Geralmente, as mulheres que trabalham no bar não moram lá, vêm de outras localidades e passam uma temporada no local.

Como dormem e trabalham nos quartos, cuidam de sua limpeza e organização, e que estas variam de acordo com as próprias mulheres sendo, segundo a opinião de uma das entrevistadas, alguns quartos são “mais sujos” que outros.

Lá conhecemos Jacu, atualmente gerente e mulher do proprietário do bar, que foi para lá trabalhar e terminou casando com o dono, com o qual tem uma filha de poucos meses.

Neste dia, entrevistamos Trovoada, de João Pessoa, que estava lá há pouco tempo, acompanhada de uma amiga mais antiga no ramo, Zidedê.

Segundo Trovoada, apesar de elas não poderem sair de lá para dormir fora quando passam o fim de semana, ela dava uma escapada e ia dormir na casa do namorado, mas a família dele não sabe que ela se prostituía, tampouco ele sabe que ela tem dois filhos em João Pessoa. Na volta, demos uma carona à Jacu até sua casa.

## **SANHAÇO BAR E O SAPUCAIAS BAR**

Em Sapé, existem dois bordéis: o Sanhaço Bar e o Sapucaias Bar, ambos pertencem ao mesmo dono, conhecido como “Patrão”.

O Sanhaço Bar está localizado na saída de Sapé para Mamanguape, o Sapucaias Bar acabou de ser inaugurado na saída em direção a BR-230, ao lado de um posto de gasolina; quase sempre estão colocados em locais estratégicos, de grande circulação de veículos, mas fora dos centros urbanos.

Os estabelecimentos ocupam casas de um andar, sendo um salão grande e fechado para a rua, banheiros e quartos no fundo. Os ambientes são ornamentados com pinturas de mar e praia, no estilo “grafite”, do lado de fora e no interior dos salões.

As moças entrevistadas nesses estabelecimentos parecem alternar os trabalhos entre um e outro bar e, muitas vezes, mudam-se de um lugar para outro, inclusive como forma de reciclagem dos serviços sexuais e de oferecer ‘carne nova’ para os clientes.

Durante o horário de funcionamento, que se estende desde à tarde até a madrugada, seguranças fardados e armados permanecem nas entradas.

É proibida a entrada de mulheres. Para entrar no salão, o cliente tem que submeter-se à revista pelos seguranças.

Dentro, os salões são equipados com mesas de plástico, uma máquina de música, som, iluminação tipo discoteca e um balcão.

No Sanhaço Bar, existe um palco para *shows*, com decorações cintilantes, onde são realizados *shows* de *strip tease* e *pole dance*.

Em nossas visitas, observamos que o bar nunca estava lotado, mas no horário de funcionamento, sempre havia clientes e entre quatro e dez moças de plantão para atendê-los assim que entravam no “bar”.

Também encontramos alguns homossexuais de cerca de 25 a 35 anos que, possivelmente, também prestam serviços sexuais, mas não conferimos sua ocupação. Já os clientes não se diferenciavam substantivamente daqueles que encontramos nos outros locais.

Notamos que as moças são mais arrumadas, mais novas, tem entre 18 e 30 anos de idade, são fisicamente atraentes (delgadas, traços bonitos), e todas com “trajes

típicos” da profissão: saias curtas, blusinhas com brilho, maquiagem, cabelos bem penteados e sandálias de salto alto.

Atuam de forma bem mais ativa que nos outros lugares visitados. Elas são muito atiradas, corajosas e estão ali para fazer os clientes gastarem muito.

O bar funciona como uma empresa. “Um bordel de verdade”, um “cabaré organizado”.

Chororó informou que existem 11 moças e apenas 6 moram lá, inclusive ela, que vai para casa, em Bayeux, poucas vezes.

Entrando no bar, o novo cliente é atendido imediatamente pelas moças, que oferecem bebida e companhia, encostando e tocando nos clientes.

As moças devem fazer os clientes gastarem o máximo possível no bar e, permanentemente, pedem que eles paguem bebidas alcoólicas e toquem músicas na máquina de som (cada música custa dois reais).

Caso o cliente não tome a iniciativa e peça para fazer um “programa”, elas começam a dançar na sua frente, tirando peças de roupa para incentivá-lo a contratar seus serviços sexuais.

Preços e forma de pagamento pelos serviços sexuais estão regulamentados: R\$ 50,00 para 30 minutos de sexo vaginal e oral, mais R\$ 10,00 pelo quarto a ser pago antecipadamente no balcão do bar – sexo anal custa R\$ 80,00 caso este serviço seja oferecido pela moça.

O dinheiro pago pelos serviços sexuais é das moças, o resto do “Patrão”. As moças recebem o dinheiro posteriormente, descontadas as despesas do estabelecimento.

Os serviços sexuais acontecem nos quartos do fundo, quartos simples com cama de casal, estante, ventilador e banheiro privado.

As condições dos quartos são precárias, muitos têm as paredes manchadas e mofadas, vazamentos nos banheiros,

muita roupa e utensílios femininos esparramados pelas camas, pelo chão e pelos móveis. As moças também moram nestes quartos.

Durante a sua estadia nos estabelecimentos, as moças são bastante vigiadas pelo “Patrão” e seus funcionários, não podem sair com outros homens e geralmente trabalham o tempo todo em que estão acordadas. Em nossas visitas, encontramos as moças com sinais de violência nos rostos, nos braços e nas pernas. Segundo elas, os hematomas eram resultado de um acidente ou, de uma briga entre elas, porém as versões sobre o surgimento dos hematomas e cicatrizes variam.

Como nos outros locais, as moças são de diversas cidades da Paraíba e estados vizinhos, e, antes de trabalharem para o “Patrão” passaram por várias outras localidades.

Pudemos constatar que os bordéis gerenciados pelo “Patrão” são empresas de sexo que oferecem um pacote de serviços completo e exercem um controle rígido sobre o “plantel” de prestadoras de serviços sexuais.

Em uma de nossas visitas ao Sapucaia, encontramos 5 mesas com homens. Ficamos bem no canto do bar.

Identificamos Chororó (já tinha sido entrevistada) e outra moça com quem já tínhamos conversado, que veio nos cumprimentar. Eram 4 moças inicialmente.

Chororó, então, se aproximou da nossa mesa dizendo estar com fogo como nunca antes. Dançava e ia até o chão e depois subia de volta.

Ela dançava com um homem, se agarrando. Depois veio e ficou no colo de um colega, dançando com a bunda para o lado dele, querendo beijar, abraçar. Ainda levantou toda a saia de costas para ele e mostrou o fio dental que vestia. Pediu várias bebidas para pagarmos.

## Quem são elas?

São mulheres de vários lugares, de várias cores, mentalidades, sonhos e desejos.

Encontramos mulheres jovens, a partir de quinze anos, até mais maduras, por volta de 50 anos. Atrevidas ou introvertidas, estas mulheres enfrentam um cotidiano e uma sociedade que as marcam profundamente.

Em muitos casos, a marcação começou pela própria família, o que, em alguns casos, as fez buscar novas formas de sobrevivência.

Mulheres tatuadas no corpo e, muitas vezes, portando as cicatrizes na alma. Mulheres que já foram presas por porte ilegal de arma, tentativa de homicídio ou tráfico de drogas.

Mulheres que já deram algum filho ou que se negam a fazê-lo. Mulheres com familiares heterossexuais, gays, lésbicas, ou com um pai homossexual. Mulheres que fazem programas e que possuem irmãos que também fazem programas. Mulheres que moraram em colégio interno.

Mulheres que afirmam que os filhos, a mãe, o pai, irmãos e parentes não sabem que são prostitutas.

Mulheres que os próprios maridos aceitam que elas façam programa desde que bem longe da cidade onde moram. Ou mulheres cujos maridos não sabem sobre sua atividade.

Se desconfiam, dizem que viajam para trabalhar em eventos ou como babás:

*Tu és doido é! O povo pensa que eu trabalho em casa de família! Porque eu só vou pra casa de quinze em quinze dias. Não posso ir antes nem depois de quinze dias. **Águia***

Algumas dizem não gostar do que fazem:

*Queria que eu fosse totalmente diferente. É a parte de mim que eu odeio. Uma é a sociedade que fica me discriminando. A segunda é que eu fico sem moral... Não posso ter moral tipo assim, igual mulher. Chegar e falar: Você não faça isso! – E aí eles vão dizer assim: “Quem é você pra você dizer isso de mim?” E outra, a terceira porque eu sinto nojo de mim mesma. Fazendo uma coisa que eu vejo que eu sou totalmente errada, que sou totalmente [...]. São as três coisas. Eu me sinto com uma culpa pesada, enorme. Cada vez que eu deito aqui, eu me sinto com um peso na consciência, me sinto culpada. Isso. **Caracará***

*Foi uma escolha: ou ver a minha mãe com minha filha com fome e eu também, ou ver o pai da minha filha vim buscá-la em casa, pra levar de vez. Eu fiz o que tinha que fazer. **Tauató***

Principalmente em Mamanguape e na região do Brejo, já viveram e trabalharam em muitos outros lugares.

umas passam dias, outras passam meses ou anos. No entanto, o que mais desperta atenção é o modo como chegam a estes lugares: pedem carona na estrada.

Algumas relatam que já foram ao Rio de Janeiro, Macaíó e Fortaleza desta forma. Já na Baía da Traição poucas saíram dali, e são originárias principalmente de aldeias indígenas mas já tiveram experiências de trabalho pontuais em outras cidades da região.

Os estudos não representam prioridade para nenhuma das entrevistadas. Algumas interromperam os estudos na primeira fase do ensino fundamental, outras completaram o nono ano.

Dentre as causas de interrupção dos estudos está a necessidade de trabalhar, casamento, filhos, problemas familiares, falta de motivação, etc.

Entre todas as entrevistas, apenas uma continuava a estudar a noite (Educação de Jovens e Adultos) e apenas uma tinha completado o ensino superior (curso de Geografia)

*Meu amor, eu deixei de estudar mesmo porque eu sempre fui rapariguerinha. Assim, eu gostava de pular o muro pra namorar com os boyzinhos (...) pra sarrar (...) Meu amor, eu estudei até a terceira série. Depois da terceira série eu não fiz mais nada. Só trabalhar e os bregas! Parei de estudar com 9 ou 10 anos de idade. Depois não voltei mais. Desde pequenininha... gostava de sarrar...eu pulava o muro e não estudava. Aí minha mãe disse que não ia me colocar na escola pra eu ficar pulando o muro não. **Passarinha***

*Parei por causa dos meninos que naquele tempo que engravidei não tinha mulher grávida estudando. Hoje em dia eu ainda tento estudar, tentei no acelerado mais fica difícil estudar, se eu tivesse pelo menos um trabalho, mas com essa vida de programa tem dia que dá, tem dia que não dá. **Zidedê***

Ser de “todo mundo” não significa não “ser de ninguém”. 78% delas afirma ter parceiro (marido, namorado ou companheiro) ou ter tido em algum momento da vida

*Ele sabe! Ele sabe da minha vida e me dá de tudo. Mas ele vive com a ota, a mulé dele. Ele sabe. Num esconde minha vida pra ele... ele sabe que é em casa! Ele só num quer eu num durma com ninguém né! Mas meus programa ele num liga não! E nem eu vou fazer na frente*

*dele né! Quando ele tá aqui eu num fico com ninguém não. Só com ele mesmo. Mãe da Lua*

*Morei dez anos com um homem. Foi um inferno minha vida. Quando eu era garçõnete... eu trabalhei onze ano de garçõnete no Brega (nome do bar). Morei dez ano com esse home. Ele era casado. Mas quando ele começava a beber, ele num ia pra casa não. Voltava e ficava brigando comigo. A gente brigava muito, eu e ele. Eu furei ele... aí... me separei aí vim morar aqui. Mãe da Lua*

*Aí eu to tendo uma vida que eu nunca vivi em toda minha vida, um marido me sustentando e em compensação eu quem vou (...) porque ele só faz trabalhar e tirar e me dar – o dinheiro. Aracuã*

*A maioria dos homens não quer morar com a mulher pra assumir, os homens quer comer o que a mulher tem, eu não tenho condições de dar a homem, o que eu tenho muito mal dá pra mim. Vou arrumar um homem pra comer o que eu tenho? Porque hoje a maioria dos homens só quer isso. Então assim é melhor tá (...) sozinho não, que a gente nunca tá só com Deus, eu prefiro tá com Jesus sendo minha companhia, me livra de todos os maus e tá bom. Curtição a pessoa encontra lá fora, curte lá e deixa lá mermo pra num tá quebrando a cabeça. Sericóia*

*Meu amor, eu moro com homem direto! Deixei um hoje, amanhã, depois...tá com uns seis, sete mês sem ninguém aí eu já tô abusada do lugar aí vou e me junto com uma pessoa. Aí deixo aquela pessoa e volto de novo! Pronto, minha vida é essa! (...) Não, já me deu essa vontade, eu não vou mentir. Mas assim eu estando com*

*uma pessoa, morando com aquela pessoa e a gente até sonha indo pra esses lugar...dançando nesses lugar...fazendo o que a gente faz! Eu até sonhar, a gente sonha, mas aí repreendo né. No que eu me repreendo aí vou e começa tudo de novo. **Passarinha***

A experiência que tiveram como filhas muitas vezes se repete, agora no papel de mães. Elas geralmente possuem 1 ou 2 filhos, já doaram filhos a suas mães ou a suas ex-sogras, por exemplo.

Estes filhos algumas vezes são do mesmo parceiro e geralmente são deixadas com seus pais, sobretudo, para que possam sair para trabalhar. Algumas delas se emocionam ao falar dos filhos que estão longe, pois só visitam, quando visitam, em dias de folga.

*Eu explico pra elas, que essa vida não tem futuro, né? Se encontrar alguém que realmente queira valorizar elas, ela enfrente, entendeu? Porque esse mundo não tem o que dar a ninguém. O que adianta? Que hoje em dia tem um tal do “fica”, esse “fica” é uma AIDS, é uma doença venérea que se pega, né? Um bucho que vai ficar pra toda vida, ou não é? Então é O TAL DO “FICA” que se diz hoje em dia, não existe “fica”, existe uma curtidão, um bem-estar, mas esse negócio de “fica”, pra mim isso não existe. Então eu dou conselho pra ela nunca caia nessa, que esse negócio de se prostituir não tem futuro, é melhor trabalhar, né? Que nem eu tenho isso aqui, isso aqui não é meu pra toda vida, um dia (...) eu não vou tá pra toda vida, isso aqui pode ser dela. **Sericóia***

Uma das histórias que mais chama a atenção é a de uma jovem que aos cinco meses de gravidez continua indo

para o bar. No entanto, ela diz que não consegue, mesmo querendo, fazer programa, pois os homens não a desejam no estado em que se encontra. Cabe ressaltar que a jovem não se alimentava adequadamente, sem falar que não estava tendo acompanhamento médico.

Ela possui um companheiro que, por sua vez, possui outra mulher.

Nos foi dito que seu parceiro já tentou agredi-la com uma tesoura porque, contrariando o seu desejo, a jovem só “lhe dá” filho macho.

A outra esposa também está com cinco meses de gravidez e é de uma “filha fêmea”, por isso ela teme perder o parceiro para a outra mulher.

Outro dia, segundo informantes, ela apareceu com o olho roxo e diz que não vai ao posto de saúde porque não tem com quem deixar o filho pequeno de aproximadamente 3 anos. Se este filho nascer, já está certo de que ele será doado.

A doação dos filhos não parece ser um sofrimento e um conflito em relação à maternidade, mas uma estratégia para manter sua posição autônoma, poder circular livremente pelos espaços de prostituição e mudar-se para outra localidade.

A mobilidade parece ser incompatível com a criação dos filhos.

Talvez este seja um dos motivos pelos quais elas não demonstrem grandes preocupações em realizar o pré-natal, mesmo sob pressão das enfermeiras e agentes de saúde, que temem pelo aumento da taxa de mortalidade materna em sua área de atendimento.

Entretanto, há contradições em relação à maternidade.

Grande parte das mulheres grávidas que encontramos conheciam os pais de seus filhos, ou seja, não tinham simplesmente engravidado acidentalmente, mas pareciam manter algum laço afetivo com os pais das crianças.

Isto demonstra que elas não usam os preservativos com qualquer pessoa e cedem ao uso quando a relação está estável, quando o cliente é fixo e confunde-se com um namorado, quando há afeto.

## ABORTO

Quase todas as mulheres que conversamos ou entrevistamos reprovam a prática do aborto. Na maioria das vezes, elas criam os filhos ou deixam com as mães enquanto trabalham em outras cidades e mandam dinheiro para seu sustento.

Algumas entregaram a guarda dos filhos para os pais das crianças, constituindo outras famílias mais adiante. Quando dão os filhos, geralmente é para alguém da família, a exemplo de Araponga que deu um filho para seu irmão.

*Não, eu posso dever pra Deus, mas esse castigo eu não levo, não. Galega*

*Porque eu acho que é um crime e mesmo assim, nenhuma criança pede pra vir ao mundo, a gente que tem que ter responsabilidade... Eu nunca provoquei e nunca (...) tenho fé em Deus de nunca provocar, não, só se for espontâneo mesmo, provocar, tenho coragem não. Juriti*

*(...) eu não tinha coragem de tomar remédio pra botar pra fora, por mais que a vida seja difícil (...) Eu tenho e faço como fiz com a outra (...) Sustentei e hoje tá grande, tá uma mocinha já. Sempre incentivei ela a estudar, sempre estudou desde criança. Na rua eu sou uma pessoa e com ela eu sou outra. Psipsi*



*Não, nunca na minha vida, Deus me livre, eu acho isso a pior coisa do mundo, eu acho.*

**Maracanã**

Poucas disseram já ter realizado o aborto induzido ou alguma tentativa de realizá-lo, algumas não demonstram arrependimento ou sofrimento ao falar sobre o assunto, outras reprovam e dizem que não fariam novamente e que aconselham as moças mais novas a não fazerem.

Os métodos para indução do aborto variam desde preparos de chá, automedicação, à internação em clínicas clandestinas especializadas.

*Não. Eu tomei um chá. Era um chá muito conhecido e antigo que é um tal de chá de quebra-pedra. Pronto, a única coisa que eu tomei! Eu já tava com cinco meses! **Rolinha***

*Porque meu pai disse que não era pra (...) não queria a gente em casa com filho, aí então eu peguei, mas abortei, sabe? Mas aconteceu só uma vez mesmo (...) Foi o remédio que eu tomei, me ensinaram um remédio, fez efeito (...) ensinaram mesmo a fazer, peguei fiz o remédio, aí tomei (...) Foram minhas amigas mesmo que me ensinaram, sabe? Que elas também tomavam aí elas me ensinaram, sabe, também (...) Era de um rapaz aqui, que foi minha primeira vez com ele aí eu me perdi, aí eu peguei fiz, aí eu tomei, aí desceu. Aí não teve como eu ficar grávida mais, aí eu já fiquei desorientada... **Jandaia***

*Eu tentei, tentei fazer desse meu filho que eu tenho, sabe? Tinha uma irmã que ela tava com começo de câncer, aí ela tinha um remédio lá, ela disse que aquele remédio era pra acabar*

*com o câncer, né? Aí eu então muito abastalhada dizia “Apois então acaba com o filho que eu tô na barriga”, tomei, né? Funcionou não. O menino nasceu foi gordo com esse remédio ((risos)).* **Tamatia**

*Eu fui numa clínica lá em Bayeux., uma amiga minha me levou aí ela botou a sonda, circulou e num abortei, não. Ela disse “vamos esperar até amanhã, se você não abortar eu vou dar a você permaganato de potássio, eu vou botar (...) Aí hoje eu digo as meninas, quando elas tavam aqui, sabe? “Eita, minha menstruação tá atrasada”, “Pois cuide, porque aqui eu não deixo ninguém abortar(...)Eu nunca ensinei e até hoje eu digo assim que eu acho que eu tô pagando (...) às vezes eu me aperreio, eu digo “Tô pagando daquele aborto que eu fiz”, eu digo desse jeito, né não?* **Seriema**

## VIOLÊNCIA

Na trajetória dessas mulheres, a violência está presente, em primeiro lugar, no âmbito doméstico e familiar, com narrativas de abuso sexual, estupro, espancamentos, etc.

*Não, é porque eu não gosto nem de falar da minha primeira relação sexual (...) Porque foi à força. (...) Nessa faixa que eu tinha 13 pra 14 anos. Aí tinha um pessoalzinho desse nojento, aí esse aprontou isso comigo e eu fiquei com nojo de homem (...) Sim, aí disse: vamos passear e tal aí eu fui, eu não saia de casa não, aí ele dopou ela, deixou a gente lá e se fez que ia embora, né? Só que ele não foi embora, ele voltou e trancou as portas (...) tudo escuro. Daí o*

*resto eu nem gosto de dizer por que ele tapou minha boca, prendeu minhas mãos. E quando minha família soube minha mãe me deu foi uma surra. **Jaçana***

*Ah, foi péssimo! Eu nunca tinha tocado em negócio de bebida, aí conheci esse rapaz que era de Sergipe, me chamou um dia pra ir pra festa, foi em Salvador isso, lá no bairro de... Pituba. Eu era nova, acho que eu tinha uns 14 anos, aí ele me chamou pra ir pra esse barzinho, quando chegou lá começou me dar (...) e tem um barzinho lá que o nome é "Só batida", porque vende só batida de tudo quanto é tipo, sabe? Aí me levou pra esse bar, ele e dois amigos, tudo com suas namoradas, sabe? Quando foi depois que eu tomei esse coisa aí eu fiquei meio zoada, doida lá, aí ele me levou pra beira da praia, pronto, só foi o que deu! Eu meia zoada, assim, gritando que não, que não, que não mas não teve jeito, aconteceu, eu não tenho boa coisa pra contar também disso, não. Foi, praticamente à força, né, que eu não queria, principalmente no estado que eu tava, né? **Pé encarnado***

*Eu estava com 11 anos perdi com 12 e com 13 veio um neném, quem mexeu comigo foi um médico (...) É um doutor. Eu trabalhava na casa dele tomando conta da menina dele aí o médico veio e mexeu comigo, ele mexeu comigo dormindo e eu não vi, eu estava dormindo e quando eu acordei, ele falou pra mim que eu não era mais moça que eu já era mulher. Eu primeiro fiquei revoltada. Aí ele me disse pra não dizer nada a ninguém, pra não dizer para a mulher dele e que ficasse calada, aí ele ame-*

*açou e eu fiquei com medo de dizer. Aí peguei e saí da casa dele com medo. [...]. Ele falou que eu não tive culpa que botou um remédio no café e eu tomei. Foi. Aí quando eu me acordei estava toda melecada de sangue e eu pensava que era menstruação, mas não era e quando eu fui tomar banho minhas partes estavam doendo. Eu não denunciei, não, não ia adiantar porque ele era médico e eu não ia mexer com médico e eu era pobre e ele era rico. Você que é pobre mexer com rico não dá. [...]* **Galega**

Para algumas mulheres entrevistadas, o fator estupro contou para entrada delas na prostituição.

*Uma vez quando eu tinha assim uns 9 anos, meu irmão, o que eu não falo com ele, eu detesto ele, tentou me catucar! Aí eu contei a mãe e mãe não acreditou porque ele é filho biológico dela e eu não sou. Eu acho que ela pensou que eu tinha criado a história né. Mas até hoje eu me lembro disso e até hoje eu detesto ele. Eu não posso ver ele que eu boto a cara pro outro lado.* **Águia**

Com relação à violência sofrida durante os programas, a maioria das entrevistadas afirma que são bem tratadas pelos clientes. No entanto, existem alguns resquícios de violência, considerado mínimo se comparada em relação àquela sofrida na esfera familiar.

*Lá em Surubim. Fui fazer um programa com um menino, tinha um amigo dele esperando bem na porta, sem eu saber. A porta ficou aberta, assim, e ele entrou e foi pro outro lado,*



*ficou atrás da porta e quando eu fechei ele me segurou, aí fez sexo anal e vaginal comigo. Os dois de uma vez. Foi, me rasgou. Aí ficou com um buraco deste tamanho assim (mostra com as mãos um círculo de aproximadamente dez centímetros). Aí eu tive que ir pro hospital... eu nunca comentei isso com ninguém. Tava com dezessete anos. Aí fui pro hospital...*

*Eles me amarraram em cima da cama. Que era aquelas camas de madeira. Me amarraram e aí o sangue... Aí, quando eu saí do quarto... eu não saí do quarto, eles me deixaram amarrada e saíram do quarto e continuaram bebendo no salão. Aí o dono do bar desceu, ele sentiu, vou ver como que tá Márcia. Quando ele... – ele me chamava de Mar – vou ver como que tá ela. Quando chegou e me viu ele endoideou a cabeça. Me pegou no braço, enrolou na toalha, que eu já tava... menino, o sangue!, já tava enorme em cima da cama. Eu não sei como não morri. Me levou pro hospital, aí voltou e matou os dois. **Tauató***

Depois da primeira relação sexual, e já atuando como prostituta, elas têm mais poder no sentido de dizer o que se pode e o que não se pode fazer, de negociar os programas, os valores e estabelecer os limites elas mesmas, fato que não ocorria na relação marital.

Portanto, como prostitutas, elas sofrem violência também mas não da mesma forma em comparação ao tempo que eram donas de casa ou empregadas domésticas.

*É, porque a mulher que faz programa ela ganha aquele dinheiro, fez e tá bom, mas aí o cara queria de novo e eu não queria mais porque já tinha feito o meu trabalho. No caso, assim, você tá comigo no quarto, você veio, ficou comigo e se satisfez, você teve seu orgasmo e tudo e tal, pronto acabou. Aí quando acabou geral, tudo certo. Aí o cara vai e quer de novo. Não, não pode. **Jaçana***

*Ah, eles: "Não sei o que sua rapariga, sua puta safada eu quero fazer isso e não sei o que não sei o que, agora." Tá entendendo? É na brutalidade, eles não têm um gesto de carinho, não tem nada, não tem como ter muito aconchego com uma pessoa dessas. **Psipsi***

Nos programas, as mulheres não aceitam a humilhação e revidam todos os desaforos do cliente, como demonstram as narrativas. O que vale não é o que o cliente quer, mas sim o que ela quer. Inúmeros mecanismos são utilizados por elas para conseguir superar os momentos de violência.

*Eu, hein!, dou tapa. Se alguém me dá dou outro. Se me dá um eu dou-lhe outro. Se me der um murro eu dou outro. Se você me der um pontapé lhe dou outro, sabe. Às vezes pode até ser que leva um tapa e vira o outro lado. Mas eu não deixo dar um tapa e deixar o outro lado por bater. Se levar um tapa vou ter que dar de volta. É o costume meu... **Caracará***

*Já aconteceu comigo quando eu trabalhava na pista, na pista já aconteceu. Em Cabo Branco, o cara me levou pra Jacarapé e ainda tomou meu dinheiro todinho. Porque também eu lutei com ele porque ele queria enfiar dois vasilha-*

*mes de cerveja na minha vagina e me apagar, olha foi um terror, foi por isso daí que eu deixei de ir pro Cabo Branco. Zidedê*

Apesar de algumas situações de violência durante os programas, elas contam que já passaram por momentos em que se sentiram importantes a partir das atitudes ou de alguém:

*Em várias né! (risos) Dizer assim: “menina você é uma gordinha bem 10 viu! Bem bonitinha!” aí eu digo: “Ops! Ops!” (risos). Não só no programa. Acontece: (Risos) “uma gordinha até 10 viu! E rebola até bem viu!” (risos) Aí eu fico lá em cima né! Não sei se é verdade né porque às vezes é tudo mentira! Tudo caô né! E às vezes também eu vejo...porque assim tem tempo que as meninas, umas fazem mais programas que as outras e assim vai. Mas eu sou...eu sou importante rapaz! Eu sou importante toda! Eu me sinto muito importante. Oxente, eu me acho. Ninguém me bota lá embaixo! Ninguém, nenhuma mulher! Só Deus né!*

**Passarinha**

*Eu tenho um (parceiro) em João Pessoa que ele é super legal pra mim. Ele já me tratou como a mulher dele, a namorada (...) Eu não saio com ninguém quando eu tô lá porque ele me dá dinheiro pra eu ficar o tempo todo com ele. Eu passeio com ele (...) ele é bem legal.*

**Bentevi**

*Já. Teve um que chegou pra mim e disse que eu era muito diferente das outras e perguntou o que eu tava fazendo aqui (risos). Eu fiquei sem jeito. Águia*

Podemos classificar as agressões e situações de violência em seis tipos: entre colegas, com companheiros (as), com clientes, com transeuntes, com a polícia, com traficantes.

Certa vez, durante a pesquisa, Beija Flor comentou que já tinha perdido a conta de quantas vezes tinha sido presa nos últimos meses e, quase que naturalmente, nos narrou que foi obrigada, pelos policiais, a fazer sexo com outro presidiário. Maritaca, outra jovem travesti, também nos relatou que havia sido estuprada diversas vezes quando retornava para casa, depois de uma noite de trabalho no posto fiscal.

Múltiplos ciclos de violência se sobrepõem e algo que não estava na pauta da pesquisa não pôde ser ignorado. De um lado, observamos as tentativas de nossas pesquisadas de nos chamar a atenção, de algum modo, e talvez reforçar o estigma e demarcar as fronteiras entre nós e elas.

De outro, os episódios de violência narrados demonstram uma dinâmica específica que retroalimenta relações violentas e espera reações violentas dentro de suas redes de relações.

## SAÍDA DA PROSTITUIÇÃO: SONHOS

*Qual a mulher não gostaria de sair dessa?* **Batuíra**

Às vezes é difícil conciliar os sonhos com a realidade. Algumas querem sair do ramo da prostituição, porém alegam não ter oportunidades, outras conseguem. Outras entram e saem, como um ciclo.

Em alguns momentos, conseguem sair, mas em outros retornam por motivos financeiros, desilusões provocadas por casamentos violentos, vontade de “curtir” a vida, desejo de liberdade, entre outros fatores.

Um dos fatores agravantes para a volta dessas mulheres é o casamento fracassado.

*Depois me juntei com outro, o pai do segundo filho, desse eu ainda tive um casal e que faleceu. Aí desse segundo tive um outro casal também. Com esse eu morei ainda 17 anos, aí não aguentei tanto sofrimento, que era muita violência (...) **Araponga***

*Brigava muito a gente e também porque ele brigava muito, assim, não era ruim pra mim, não faltava nada pra mim mas apesar das canas dele, ele chegava em casa muito estressado (...) batia sim (...) Eu cheguei ainda no chefe, cheguei lá ainda tava toda roxa da pisa que ele me deu, aí ele ia botar pra Maria da Penha, aí eu fiquei assim pensando porque eu gostava muito. Aí ele disse “Pense direitinho aí pra ver o que você vai querer”. **Viuvinha***

A vontade de estudar, seguir uma profissão “bem vista” socialmente é evidente.

Porém, para estudar elas precisam ter dinheiro, que não conseguem juntar e, para trabalhar tem que deixar suas casas, procurar nas cidades vizinhas, uma vez que na área indígena ou rural o trabalho oferecido está na pesca, agricultura e artesanato no período do verão, o que essas mulheres não consideram como opção de trabalho.

Algumas conseguem trabalhar em casas de família, em pousadas como arrumadeira e cozinheira no período do verão.

Outras deixam a prostituição quando conseguem casar e constituir uma família, essas enxergam os homens que as tirou “da vida” como um verdadeiro salvador.

*Eu quero casar né? Lógico! Eu vou ficar velha dentro do Brega?! Eu quero é casar e ser feliz!*

### **Venvem**

*Quero estudar e arrumar um emprego... Ah, se não conseguir eu fico como estou mesmo...*

### **Viuvinha**

*Sim... o meu sonho é eu arrumar (...) um homem bom pra mim, né? Uma pessoa boa que cuide de mim, né? Que cuide de eu e pra eu (...) Pra eu deixar dessa vida, né? Deixar essa vida... né? Porque é muito ruim, a gente (...)*

### **Arribaçã**

*Que eu queria na minha vida sei lá, o que eu queria na minha vida é não ter que trabalhar pra mais ninguém só pra mim, pra mim mesmo, fazer uma coisa forte mesmo que eu sempre gostei de trabalhar principalmente na parte da cozinha. Queria montar um restaurante pra mim, este seria o meu sonho. Principalmente para eu ajudar a minha família porque pra mim sempre estar incluída a minha família. Porque são muito pobrezinhos, são muito e eu queria ajudar todos e outras pessoas também de fora, mas infelizmente (...) Eu ganhei muito dinheiro, mas gastei também muito dinheiro porque a gente tinha que andar muito bem vestida. Aí quanto mais você vai ganhando você vai gastando, parece praga, uma coisa (...) sei lá. Eu dizia que era um dinheiro amaldiçoado que de repente voava assim que você nem percebe. É como se fosse assim, ganha aquele dinheiro e depois voa.*

### **Maracanã**

*Porque quando a gente tá dentro é uma situação e quando a gente tá fora é outra situação bem diferente. Porque a gente arruma um homem e o homem quer uma mulher com fidelidade aí como dizem o melhor lugar do mundo é a sua casa, mas quando a gente chega a situação muda, ele começa a te humilhar, prender, querer satisfação de tudo que você faz é por isso que muitas mulheres saíram e voltam de novo pra vida. **Cau-Cau***

*(...) Agora o momento porque eu quero sair do programa é porque eu quero ter uma vida normal. A vida de uma mulher digna. Isso aqui é e não é. Entendeu? A gente aqui dentro... não sei, ninguém lhe olha na cara, ninguém lhe respeita - você fora é outra pessoa. E eu quero me casar, tudo direitinho. Quero ter o meu trabalho e sair pra voltar às seis horas da noite, quando voltar tá lá as minhas filhas me esperando. Em cabaré... E quero ter o meu respeito como uma dona de casa. **Tauató***

Muitas das mulheres que entrevistamos já trabalharam em lojas, casas de família, mas por diversos motivos chegaram (levadas ou sozinhas) à “vida no cabaré” ou à “vida de bar”.

*Um negócio meu (...) já botei salão, já vendi confecções, já botei bar em Guarabira, já botei bar em Bayeux, agora tô com esse aqui. Já vendi confecções, já botei salão ali dentro de João Pessoa, já trabalhei de doméstica. Acho que eu preciso encontrar alguém que me ame de verdade e que eu ame também, né? E que eu veja minha filha (...) minha família feliz. Eu acho que é pra mim a melhor parte, né? Eu poder ver ela no canto dela, sossegada, ser feliz, ou então mermo comigo... né? Que eu tenha o*

*pão de cada dia que possa nunca faltar, né? Eu também quero uma casa porque moro de aluguel. **Sericóia***

*Porque eu não gosto (trabalhar na rua). Porque eu acho, sei lá, muito seboso. Aí em bar a gente tem o quê? A gente tem um quarto, tem um banheiro pra gente tomar um banho, tem um sabonete... entendeu! Tem a nossa toalha, tem as nossas coisas íntimas de mulher, entendeu! E nesses lugar, tem o que pra gente se limpar, se lavar!? Não tem! Porque a gente tem que se lavar! **Passarinha***

Uma vez que elas não pretendem continuar na pros-  
tituição, o que precisam para sair desta condição?

As respostas envolvem a busca e a necessidade de  
constituição da família e o fato de conseguir um emprego.

Algumas dizem que sairiam se conseguissem um bom  
homem. Uma delas nos relatou que já está “saindo da vida” por  
meio da ajuda do novo namorado que está tentando conseguir  
um emprego para ela.

Outras disseram que estão juntando dinheiro ou que ali  
permanecem porque não tem como criar seus filhos ou, ainda,  
que ficarão até conseguir terminar a construção da casa ou  
dinheiro para alimentarem outros desejos.

Seus sonhos vão desde terminar os estudos, conseguir  
um emprego, abrir seu próprio bar, se formarem advogadas,  
médicas, veterinárias ou professoras, assim como casar vestida  
de noiva com um bom homem:

*Meu maior sonho é sair daqui, parar essa vida  
de programa. **Nendaia***

*(...) é me casar de vestido de noiva. Eu gosto. Eu vejo todo mundo... quando passa na televisão fico babando, acho bonito. Eu entro no site, menino, eu vou pro meu computador, só pra tá olhando. É, porque é um clichê. Mas, assim, é uma coisa romântica, e se der certo é bonito. É muito difícil dar certo, a gente tem que batalhar muito, e as vezes não dá, mas... Passei três anos com homem que disse a mim que ia me casar, que queria se casar comigo (...). Todo dia apanhei dele. Só pra ver se (...). Aí depois de separar de mim ele casou-se com uma menina lá. **Tauató***

Quando perguntadas o que falta para que isso aconteça, para realizarem seus sonhos, muitas não conhecem a resposta, baixam a cabeça e choram.

Outras dizem que falta pouco, mas que vão permanecendo ali e prometendo a si mesmas que irão sair.

*É muito difícil aqui, tudo é difícil aqui, né? A não ser pescar no rio, pegar aqueles camarão-zinhos, pescar, plantar a roça pra comer um ano e às vezes seis meses a macaxeira e a fari-nha com um ano, tudo é difícil. **Maracanã***

*Olha eu arrumando um emprego eu abandonaria com certeza, eu jogaria tudo pra trás porque não vale a pena, tá entendendo? A gente faz, conhece gente nova, a gente tá fazendo, mas vê que não é futuro pra pessoa, só vem atraso. Porque ali a gente não escolhe quem, é casado, gente, tem uns que cheiram, tem uns que fedem e a gente tem que ir de qualquer jeito. **Psipsi***

## Visões sobre Prostituição

Em nosso estudo, encontramos dois tipos de bares: os que permitem a livre circulação e aqueles que mantêm as mulheres semicativas (em Sapé só é permitida a saída na 2ª feira e em Mamanguape, para poder sair, o cliente precisa pagar 100 reais).

Em Sapé e Mamanguape, observamos marcas roxas de espancamento em seus corpos, mas elas alegaram que caíram da escada, embora seja difícil crer que todas tenham caído ao mesmo tempo.

Isso sugere que há disciplina e castigo nos “cabarés”, mas elas se recusam a descrever as penalidades, apenas mencionam que são descontadas quando fazem “algo errado”.

Algumas mulheres moram no bar, são uma espécie de “funcionárias”, nas horas vagas cuidam da limpeza do lugar.

Outras trabalham em um único bar, mas não moram no recinto e há as que moram em suas casas e frequentam vários bares como *free lancers*. Entre as mulheres mais velhas, na faixa dos 30 anos, que já estão estabelecidas e até “sindicalizadas”, há as que recebem os clientes em casa de forma autônoma e sem agenciador.

Muitas passaram pela pista, a rua, as praias de Manaíra, Cabo Branco e Tambaú, em João Pessoa. A pista é descrita como mais rentável, porém mais perigosa, por isso sentem-se mais protegidas no bar, mesmo com as limitações impostas pelos cafetões/donos de bar.

Outras frequentaram o porto de Cabedelo, local de receber os gringos e faturar bem.

Também relataram envolvimento com drogas, embora alguns bares proíbam e reprimam o uso.

É comum os clientes usarem e pedirem para elas usarem também, mas muitas se recusam, limitando-se ao uso de álcool.

Todavia, algumas se tornaram viciadas, sobretudo no crack que grassa nos interiores por ser barato e dar “barato” intenso e rápido.

Suas experiências de vida na rua desdobram-se no uso de drogas e violência a que foram submetidas, mas também perpetraram.

Em três depoimentos (Jacú/Mari, Mãe da Lua/Mamanguape, Tamatia/Baia da Traição) há relatos de passagem por presídio e, num deles, pelo manicômio (Aracua/Mamanguape).

As prisões decorreram do envolvimento em briga com esfaqueamento seguida de morte e tráfico de drogas.

Os discursos revelaram inúmeros aspectos da desvalorização das mulheres no meio rural. Principalmente as jovens, tem seu valor ligado à maternidade.

Os casos de uso e abuso são recorrentes porque sua condição de pobreza e “mais fraca” a coloca à disposição para satisfazer necessidades sexuais dos “machos”, que se julgam no direito de apropriar-se dos seus corpos, ignorando e desrespeitando sua vontade, sua autonomia, sua cidadania e decisão.

A partir do padrão formatado pelas normas culturais e pelas moralidades vigentes, praticam-se crimes contra mulheres e meninas pobres, jovens, indígenas e negras.

Criadas em ambientes onde parentes, conhecidos e desconhecidos sentem-se no direito de usar seus corpos independente de sua vontade, não deixa de parecer lógico que, ao menos, venham a obter algum lucro com esse uso e abuso.

Se pudermos classificar as mulheres entrevistadas, poderíamos agrupá-las em quatro grupos distintos:

- As resolvidas – já estão na trilha da prostituição há anos e não têm problemas com isso. São vinculadas à APROS e lutam pelos seus direitos, tendo, inclusive, um papel ativo nas suas comunidades.
- As eventuais – têm outras profissões e não se consideram prostitutas, mas, quando se faz necessário, apelam para esse expediente a fim de completar a renda.
- As temporárias – optaram pela prostituição como a única saída. No geral, começaram a se prostituir após separações e abandono, mas não assumiram como uma profissão e nem têm pretensão de permanecer no ofício, muito embora não demonstrem estar encaminhando-se para abandonar a função.
- As predestinadas – entram muito cedo na prostituição e têm uma história familiar ou afetiva bastante violenta e sofrida. Parecem não vislumbrar outro destino e nem buscam novos caminhos. Algumas se colocam como fatalistas com relação à atividade, como a que nasceu num bordel do porto de Cabedelo.

Em nossa investigação, pudemos percorrer a trilha e encontrar os diferentes tipos que formam a prostituição: desde a vítima de circunstâncias adversas até as que atingiram o reconhecimento da *agency*, essas são a minoria, mas existem no interior da Paraíba.

Não houve relato de prostituição forçada, apenas induzida ou sugerida por amigas e namorados. Também obser-

vamos que, à exceção do primeiro grupo, existe entre elas a rejeição da prostituição e a incorporação do estigma.

O ato de fazer programa, aparece revestido de elementos negativos, mas também positivos, sendo um deles a chance de ter mais liberdade do que no casamento.

## Na Esteira da Tradição

Nas 60 entrevistas, e nos trabalhos de campo realizados entre 2011 e 2012, observamos que as narrativas descrevem histórias de vida marcadas pela violência, seja na família, nos relacionamentos e também com os clientes.

Com relação aos programas, a maioria trabalha de forma independente, mas muitas vezes sob domínio dos donos dos bares.

Ainda que apareça a ideia de que “não se escolhe cliente”, elas realizam uma negociação, estabelecendo qual o limite aceitável para o tipo de relação sexual, o preço mínimo, uso de preservativos, etc.

Os discursos revelam que, ao optar pela prostituição, após uma trajetória de vida repleta de experiências com a violência, ao menos em relação ao próprio corpo elas adquiriram um maior grau de autonomia.

São elas que determinam o que e como o cliente pode fazer durante o programa. Ao venderem os serviços sexuais, elas se revestem de um empoderamento marcado no corpo, no controle das práticas sexuais, permitindo ou proibindo a interferência dos clientes sobre o uso dos prazeres.

Com relação à motivação para a entrada na prostituição, tudo gira em torno da família (original ou constituída) e das relações afetivas.

Em se tratando da família de origem, cuja finalidade seria cuidar, criar, educar, dar amor, amparo e proteção, em

muitos casos, é substituída pela ausência, a negligência, o abandono ou violência e inúmeros tipos de abuso.

Não poucas vezes, os relatos demonstram que iniciaram a vida na prostituição muito jovens, ainda adolescentes, para fugir dos abusos perpetrados em casa, na própria família ou por pessoas próximas que faziam o papel de abusadores, sobretudo os padrastos e vizinhos.

Na família constituída, ter filhos de pais ausentes e que não contribuem para sua manutenção, faz com que seu sustento recaia sobre elas.

Como a maioria não teve oportunidade de se profissionalizar, encontram poucas oportunidades de ganho e renda compatíveis com a necessidade de um arrimo de toda família.

A prostituição aparece como uma oportunidade, sobretudo para as separadas que ingressam na profissão após os 20 ou 30 anos.

A família, seja pela ruptura ou pela permanência, é uma figura chave na compreensão do fenômeno da prostituição.

Grande parte das mulheres entrevistadas são provenientes de famílias estruturadas no modelo tradicional rural, com autoridade centrada na figura masculina e com uma rígida segregação sexual.

Os depoimentos revelam que a expectativa das famílias era que se casassem, em primeiro lugar, em seguida, que trabalhassem e estudassem, nessa ordem.

Como esse projeto não se concretiza, representam a prostituição como uma ocupação com um valor negativo, vergonhoso, constantemente renegado.

As narrativas coletadas demonstram uma falta de auto importância e auto respeito.

Cresceram em famílias onde o lugar das meninas e moças não é valorizado, como se tivessem nascido com o sexo errado.

Em relação à escola, em poucos casos a família impediu a continuidade dos estudos, ainda que isso tenha ocorrido, mas o fator limitante à continuação dos estudos e à formação profissional é o casamento e ou a maternidade precoce, aos 13, 14 e 15 anos.

A sexualidade ativa e a maternidade na adolescência, que implica o casamento precoce, configuram um impedimento aos estudos, pois cabe às moças as tarefas domésticas se casadas ou ainda, trabalhar, quando vivem com a família, sendo as responsáveis pela manutenção das crianças.

A iniciação sexual acontece muito cedo, muitas narrativas descrevem a primeira experiência sexual como ato de violência que elas denominam como: horrível, terrível, não gosta nem de lembrar.

A relação entre abuso sexual e prostituição, se não é evidente, é sugerida em inúmeros discursos. Muitas foram vítimas de estupro por parente de 1º grau, padrastos, vizinhos, namorados, sendo a maioria muito mais velhos, ou seja, elas descrevem, sem verbalizar, casos de pedofilia explícita.

Em mais de uma entrevistada aparece a narrativa do fato de ter “se perdido” antes de “ficar mocinha”, ou a primeira menstruação.

Mesmo quando o estupro gera gravidez, elas ignoram ou repudiam a possibilidade de realizar o aborto legal, aliás, muitos episódios de violência não foram denunciados pelo simples desconhecimento dos mecanismos e operações da lei e da justiça.

Sobre o aborto, a ampla maioria tem uma posição religiosa e conservadora a respeito do tema, embora poucas vivam com os filhos, e costumam deixá-los com a família, os pais ou pessoas pagas.

Alegam que o aborto é um pecado, crime que não cometeriam, mas muitas não assumem a maternidade, nem os cuidados cotidianos que a criação dos filhos implica.

A doação de filhos também existe de forma voluntária ou forçada, uma das entrevistadas doou todos os seis filhos que teve.

Entre elas, algumas também foram doadas, o que confere uma circularidade em relação à prática de doar os filhos.

As exceções estão entre as que entraram na prostituição após o abandono do marido e mantém a casa com os filhos crescidos.

Além da sexualidade precoce e do abuso, o cenário socioeconômico cria outro motivo que leva a optar pela prostituição que é a falta de oportunidade de trabalho culturalmente construída.

Ou seja, quando as tarefas são rigidamente demarcadas pela divisão sexual do trabalho, dentre as poucas opções de trabalhos disponíveis, algumas sequer são concebidas e visualizadas como um trabalho adequado às mulheres.

Sobre pretensões futuras, a família aparece, quase sempre, ocupando um lugar central nas preocupações e expectativas. Seus desejos e sonhos envolvem comprar uma casa, formar os filhos, adquirir bens visando o bem estar da família, antes do seu próprio, uma abnegação que demonstra como até a “mulher negativa” está contaminada pelos valores dominantes.

O casamento, um homem que a “tire da vida”, é também um desejo recorrente, embora algumas declarem que homem só serve para namorar, mas casar ou morar junto não querem, pois adquiriam a consciência da desnecessidade dos homens para manter-se.

Neste sentido, podemos entender que a prostituição trouxe independência financeira para a ampla maioria das mulheres.

*Assim arrumar uma pessoa pra tomar conta de mim, tomar conta da pessoa. Formar um casal, uma família mesmo, mas por enquanto mesmo agora não* **Psipsi, Baia da Traição**

Com relação ao item satisfação, a maioria diz não gostar do que faz, mas algumas declaram que se sentem poderosas quando estão no palco dançando, fazendo *strip tease*, ou quando driblam os clientes conseguindo um melhor preço. Sentem-se desejadas e dominantes.

Mas todas elas, com raríssimas exceções, começaram a se prostituir-se devido à necessidade, à marginalidade e à exclusão em que foram colocadas ao não corresponderem às expectativas familiares em relação ao “segundo sexo”.

*Que hoje em dia tem o valor, a profissional do sexo, mas é uma coisa que não é (...) não tem aquele valor ainda totalmente, né? É uma coisa que alguém QUER DAR o valor, mas só que não tem. Você chega ali na rua o pessoal “Ó, pia, lá vai a puta, lá vai a rapariga, lá vai isso, lá vai aquilo”, né? Nunca chama “a profissional”, né verdade? Só chama pelo ditado mais feio. Então quer dizer que é um ditado que nunca cai bem com a gente, não é? Você chega num canto, “olhe, aquilo dali” (...) **Sericóia, Mamanguape***

*Continuo velha e danada. E realmente, olha eu mesmo nunca tive vergonha do que fiz. Porque eu acho assim, que sexo não é feiura é uma coisa boa que existe e assim, ficar com homem*

*toda mulher fica e virgindade não existe mais  
isso hoje em dia pra mim é besteira e o que ti-  
ver que ser será. Eu acho assim que a vida tem  
coisa melhor do que sexo, não tem. Enquan-  
to eu não morrer eu vou brincar até eu mor-  
rer, enquanto eu tiver viva eu vou brincar, eu  
gosto, não tô morta. **Cabouge, Aldeia de  
Acajutibiró, Baia da Traição***

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Lisboa: Bertrand, ([1949] 1975).

BOLETIM MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Disponível em: < <http://aplicacoes.mds.gov.br> >. Acesso em: 23 out. 2012.

BROWNMILLER, S. **Against Our Will: Men, Women and Rape**. Harmondsworth: Penguin, 1976.

CENSO POPULACIONAL . Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de novembro de 2010). Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 23 out. 2012.

CHESNEY-LIND, M.; SHELDON, R. **Girls, delinquency and juvenile justice**. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole, 1992.

FONSECA, C. “A dupla carreira da mulher prostituta”. **Revista Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, 1996.

GARCIA, L. NASCIMENTO, S. et al. **Família como Armadilha**. João Pessoa: EDUFPPB, 2011.

GRIFFIN, S. **Pornography and Silence: Culture’s Revenge against Nature**. London: Women’s Press, 1981.

HERMAN, J. L. **Father–Daughter Incest**. London: Harvard University Press, 1981.

KELLY, L. **Surviving Sexual Violence**. Cambridge: Polity, 1988.

MCMULLEN, R. J. "Youth prostitution: a balance of power". **Journal of Adolescence**, v. 10, p. 35-43, 1987.

PARKER, R. **Bodies, pleasures and passions, sexual culture in contemporary Brazil**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2009.

PISCITELLI, A. "Apresentação: Gênero e mercado do sexo". **Cadernos Pagu**, Campinas/ SP, n. 25, p. 7-23, jul/dez., 2005.

\_\_\_\_\_. "Gênero, Raça e Sexualidade no debate brasileiro sobre tráfico internacional de pessoas". Paper apresentado no Segundo Simpósio Diálogos Brasil – EUA – Estudos antropológicos e a produção da diferença. USP, 16 de junho de 2009.

PORTELLA, A. P.; SILVA, C. "Divisão Sexual do Trabalho em Áreas Rurais do Nordeste do Brasil". In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. (Org). **Agricultura Familiar e Gênero: praticas, movimento e políticas publicas**. Ed. UFPE: Recife, 2006.

RAPHAEL, J.; SHAPIRO, D. **Sisters speak out: The lives and needs of prostituted women in Chicago. A research study**. Chicago: Center for Impact Research, 2002.

RUSH, F. "The Freudian Cover-Up". **Chrysalis**, v. 1, p. 31-45, 1977.

\_\_\_\_\_. **The Best Kept Secret**. New York: Prentice Hall, 1980.

SCOTT, S. "Surviving selves: Feminism and contemporary discourses of child sexual abuse". **Feminist Theory**, v. 2, p. 349, 2001.

\_\_\_\_\_. **The Politics and Experience of Ritual Abuse: Beyond Disbelief.** Buckingham: Open University Press, 2001.

SIMMEL, G. “As grandes cidades e a vida do espírito (1903)”. **Mana.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Out., 2005.

\_\_\_\_\_. **Philosophie de l’argent.** Paris: PUF, 1987.

STANKO, E. **Intimate Intrusions: Women’s Experience of Male Violence.** London: Routledge and Kegan Paul, 1985.

STOLCKE, V. “Gênero Mundo Novo: Interseções A Formação dos Impérios Transatlânticos do Século XVI ao XIX”. In: Reunião Brasileira de Antropologia (2<sup>a</sup>: Goiânia: 2006) Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007.

TEIXEIRA, R. **Prostituição e polícia: um estudo de caso.** Tese de Doutorado em Sociologia – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2001.

WEITZER, R. “Prostitution, facts and fictions”. **Contexts,** n. 4, p. 28-33, 2007.

WEST, J. “Prostitution: collectives and politics of regulation”. **Gender, Work and Organization,** v. 7, n. 2, 2000.

## **Ficha Técnica**

- Coordenação da pesquisa: Loreley Garcia e Silvana Nascimento
- Direção de Arte e Quadrinhos: Alberto Pessoa
- Pesquisadoras(es): Edilon Nunes, Jan Linhart, Lorena Monteiro e Lívia Freire
- Colaboradores(as): ONG Renasce Companheira, APROS (Associação das Profissionais do Sexo da Paraíba), Mônica Franch, Michele Agnoletti, Amanda Virginia Albuquerque.

Esse estudo está localizado na interface dos estudos feministas e da pesquisa sociocultural. Pretende desmistificar visões estereotipadas e representações sobre as prostitutas e a prostituição especialmente em áreas rurais e terras indígenas na Paraíba.

O objetivo principal é capturar as perspectivas das mulheres assim como apresentar a prostituição como uma alternativa para a mobilidade social e econômica. A prostituição se apresenta como uma das poucas possibilidades para jovens mulheres adquirirem autonomia e empoderamento e, também, para poderem resistir às normas e moralidades vigentes.

No mundo rural, a partir do cenário paraibano, há uma ausência de democracia nas relações familiares e a predominância de valores masculinos que colocam as mulheres em posição explícita de desvantagem e, ao mesmo tempo, configura-se como uma vida de oportunidades restritas que não atendem aos anseios das novas gerações emergentes. A prostituição se apresenta, então, como uma possível ruptura com as redes de controle tradicionais, mas que cria outras formas de dominação e, paradoxalmente, alternativas para ganhar autonomia.

